

Intervenção Urbana: a liminaridade entre arte e espaço público

Urban Intervencion: the liminality between art and public space

João Victor de Faria Rocha¹; Danielle Rodrigues de Moraes²

RESUMO

Intervenção Urbana é uma manifestação artística que ocorre nos espaços urbanos, mas não em galerias e museus, e sim em lugares como praças, ruas, avenidas, etc. As intervenções urbanas constituem uma ramificação da arte contemporânea, podendo ser um espaço de ressignificação e transformação da cidade. Ao se retirar a arte de espaços particulares e/ou fechados e levá-la para o espaço público e urbano, cria-se um espaço de transição, que aqui será caracterizado como espaço liminar. O espaço liminar, de acordo com Victor Turner (2005), seria um entre-lugar, o limite entre dois estados diferentes de existência, a viabilização de um processo transitório, com possibilidade de novas inquietações. Esse trabalho é resultado de uma pesquisa teórico/prática, feita a partir de uma instalação artística criada no centro de Viçosa/MG e visou investigar se é possível a transformação do cotidiano de quem experiência uma intervenção urbana.

PALAVRAS CHAVE: Intervenção urbana; espaço; liminaridade.

ABSTRACT

Urban Intervention is all artistic expression that occurs in urban areas, but not in galleries and museums, for example, but in the urban space itself, such as squares, streets, avenues and others. Urban intervention is an interesting branch of contemporary art; it is a space of redefinition and transformation of the urban space. To withdraw art from individuals and / or closed and takes it to the public and urban space, it creates a transition space, which we will characterize here as a threshold space. According to Victor Turner (2005), the threshold space would be a place between, the boundary between two different states of existence, which enables a transitory process, with the possibility of further concerns. This work is the result of a theoretical / practical research, based on an artistic installation created in the city center of Viçosa / MG, which aims to investigate if it is possible to transform the daily life of those who experience an urban intervention.

¹Bolsista do PIBIC/EM, no ano de 2014, resultado desse artigo. Foi aluno do CAP-Coluni, de 2014 a 2016. Atualmente, cursa a Graduação de Psicologia, na UFMG/MG. E-mail: joaovictor34@outlook.com.br

²Mestre em Educação; Professora de Arte do CAP-Coluni da UFV/MG e orientadora da pesquisa do PIBIC/EM, em 2014. E-mail: danielle.moraes@ufv.br

KEYWORDS: urban intervention; space; liminality.

INTRODUÇÃO

Intervenção Urbana é o conceito usado para designar uma manifestação da arte contemporânea realizada em espaços públicos, com o objetivo de questionar e transformar a vida urbana cotidiana e envolver, geralmente, os transeuntes como seres ativos e participantes da obra de arte.

A importância do estudo da arte contemporânea se dá na medida em que se acredita ser esta uma arte totalmente relacionada com o nosso dia a dia, que reflete a sociedade em que vivemos, com suas preocupações, anseios, insatisfações, etc.

Este trabalho teve como foco a busca pela experimentação e aprofundamento sobre o tema e surgiu como projeto de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC/EM), orientado pela professora de Arte do Colégio de Aplicação Coluni, da Universidade Federal de Viçosa/ MG (UFV), no ano de 2014.

O objetivo geral da pesquisa foi estudar a temática e experienciá-la, a partir da criação de uma instalação artística no centro da cidade de Viçosa, na busca de apontamentos e reflexões sobre essa manifestação, tentando perceber como ela interfere e permite relações com o espaço público. Para isso, foram feitas entrevistas com os transeuntes/participantes da obra, para a compreensão sobre o que a obra gerou e provocou em quem a vivenciou.

A Intervenção Urbana é uma das manifestações da arte contemporânea que age de forma simbiótica com a cidade, comunicando-se com o urbano, em uma mistura de obra de arte com espaço da cidade, o que possibilita o surgimento de um espaço novo, que neste trabalho será designado como espaço liminar. A noção de liminaridade, de acordo com Turner (2005), seria uma condição transitória na qual os sujeitos encontram-se destituídos de suas posições sociais anteriores, ocupando um entre-lugar indefinido no qual não é possível categorizá-los plenamente. Assim, buscaremos ampliar a discussão sobre o assunto, a partir dessa pesquisa teórico/prática, que visa investigar se é possível a transformação do cotidiano de quem experiencia uma instalação artística.

1. ARTE CONTEMPORÂNEA

No princípio do século XX, começaram a surgir as primeiras manifestações de arte contemporânea pela Europa. Uma das mais conhecidas foi a famosa fonte de Marcel Duchamp (1887- 1968).

Tal artista plástico escolheu um urinol para expor no *Salon des Independents* de Paris, em 1917, na busca de afirmar que qualquer objeto poderia ser arte, quebrando todos os conceitos estéticos de beleza que se aglutinavam ao conceito de arte através dos séculos. Após essa abordagem, iniciou-se um estreito relacionamento da obra de arte com a interpretação do espectador. De acordo com Cauquelin (2005), Duchamp dá poder à instituição de arte quando afirma que qualquer objeto pode ser arte. “O lugar de exposição torna os objetos obras de arte. É ele que dá o valor estético de um objeto, por menos estético que seja” (CAUQUELIN, 2005, p. 94).

A partir da obra de Duchamp, as pessoas passaram a não ser mais apenas espectadores, como eram até então, e a assumir o papel de participantes e construtores

do sentido da obra, junto com o próprio artista. Esta característica da arte contemporânea iria assustar a muitos apreciadores da arte, e em alguns casos, até chocar.

Como podemos perceber, desvendar os mistérios propostos pelos artistas nas obras de arte, não é uma tarefa das mais fáceis, até mesmo porque a arte sempre foi um terreno de inquietudes e experimentações. Para decifrá-las, é preciso o desenvolvimento de uma cultura de formação, de leitura, de vivência e de apreciação da produção artística, principalmente quando se fala em arte contemporânea, já que se está acompanhando seu processo, o surgimento de novos suportes e técnicas (FONSECA, 2007, p.40).

A arte contemporânea se levantava contra comodismos e dogmas da sociedade. Por meio dela, os artistas passaram a assumir um papel de grande relevância na construção de críticas e reflexões sobre a cultura e valores em que estavam imersos. Muito mais que beleza ou mensagem, elas também passavam a praticar uma retirada do espectador do papel de observador para um ser crítico e participativo, a respeito dos seus propósitos em relação às obras de arte. Estas deixavam de ser simplesmente objetos de caráter decorativo e passavam a transmitir um universo complexo de críticas, pensamentos, sentimentos e reflexões do artista.

A sociedade de hoje requer um ser reflexivo, e a arte contemporânea favorece isso, pois pede uma interpretação ativa, pode unir diversos meios de pensamento, relacionar-se a vários contextos e é suscetível a múltiplas interpretações, promovendo o tipo de entendimento exigido por uma sociedade pluralista, na quais grupos podem coexistir com diferentes histórias, valores e pontos de vista (FONSECA, 2007, p.40).

Com o surgimento da arte contemporânea, não foram abolidos os conceitos clássicos a respeito da arte, mas surgiu um intenso e novo debate a respeito dessa nova forma de se pensar e sentir a arte. A arte deixa de ser emoção e passa a ser algo pensado (CAUQUELIN, 2005). Houve também uma expansão no universo artístico em diversas partes: aquilo que antes era lixo, agora poderia ser material; o que antes era um simples muro, agora se tornaria painel; o que anteriormente deveria estar em galerias, agora estaria nas ruas, praças e bairros. O que antes exigia ingresso, agora era manifestação artística livre na cidade. Como afirma Luciana Bosco e Silva, essa expansão acabou por causar certo desconforto em alguns âmbitos da comunidade artística:

Este tipo de trabalho cria um desconforto no meio artístico, já que ele se coloca como uma afronta ao mundo da arte institucional. O que os museus poderiam expor dessa arte? O que seria passível de compra em uma galeria a partir dessa arte? (SILVA, 2012, p.188).

Os artistas passaram, cada vez mais, a trabalhar, repensar e brincar com os espaços que os cercavam. Aos poucos, os espaços, que antes abrigavam as obras de arte, passaram a complementá-las e, em certos casos, compô-las de forma essencial. Surgiu uma intensa ressignificação dos centros urbanos que, até então, não eram explorados como possibilidade de criação artística. As cidades, como espaços comuns, começaram a ganhar força a partir de 1960, passando a ser espaço para criações artísticas, como veremos a seguir.

1.1. INTERVENÇÃO URBANA: A LIMINARIDADE ENTRE A ARTE E ESPAÇO PÚBLICO

A contemporaneidade é um período caracterizado pelo desenvolvimento da tecnologia, da mídia, pelo avanço da globalização o que possibilita um novo estilo de vida, com o cotidiano cheio de compromissos, ocupações e rotinas carregadas de atos comuns e repetitivos. O ritmo das atividades humanas deixou de depender exclusivamente das estações e fases da natureza, podendo ter como modelo, o ritmo das máquinas e das fábricas. Em meio a esse cenário, as cidades passaram a configurar o centro de vida e de produção cultural e intelectual das diversas camadas sociais.

A valorização financeira do tempo acabou por moldar a filosofia de vida na atualidade, uma vez que o ócio é quase sinônimo de prejuízo. Há uma crescente valorização do trabalho e da produção e uma falta de tempo para se voltar para os pequenos atos do dia a dia.

A vida das pessoas tornou-se, em vários aspectos, semelhante ao trabalho das máquinas, as cidades tornaram-se cada vez mais suscetíveis à intensa jornada de trabalho, com um cotidiano rotineiro, caótico e, até mesmo, muitas vezes, robótico. Neste contexto, como as pessoas se confrontariam com o inesperado e com aquilo que foge totalmente do comum? O que fariam ao se deparar com a ressignificação do espaço que as cercam? Esses são alguns questionamentos que as intervenções urbanas permitem serem feitos.

A intervenção urbana consiste na interação de um objeto artístico com o espaço público, visando colocar em questão as percepções acerca desse objeto e da ressignificação desse espaço.

Ao instalar a obra em espaço público, o artista tem uma nova relação com a própria fruição da mesma, pois, ao contrário do espaço da galeria ou do museu, onde o espectador está preparado para se “relacionar” com a arte, nas ruas, a arte se impõe como uma experiência, muitas vezes inesperada e até mesmo, indesejada (SILVA, 2012, p.215).

Esse novo espaço que se cria dentro dos centros urbanos é, na maioria das vezes, desconhecido pelos habitantes da cidade, um espaço que se torna um campo de experimentações. Por vezes, esse espaço pode causar estranhamento, alegria, surpresa, desconforto, daqueles que se deparam com ele, pois estes, são retirados de sua zona de conforto e levados a uma zona de ressignificação e transformação.

Este novo espaço, concedido pela intervenção artística aos transeuntes da cidade, acaba por possibilitar novas formas de se sentir o dia a dia. Dessa maneira, as intervenções urbanas participam, efetivamente, da construção significativa das cidades.

1.1.1. Instalações Artísticas

As instalações artísticas são manifestações artísticas contemporâneas, criadas a partir de elementos organizados em um ambiente. As instalações têm o objetivo de intervir, modificar e até mesmo, ressignificar o espaço, por isso, ela se enquadra em um tipo de intervenção artística.

As instalações provocam um profundo repensar e uma profunda ressignificação dos espaços rotineiros e/ou cotidianos, a medida que transformam o que muitas vezes só seria imaginado como espaço para exposição da arte na própria manifestação artística. Deste modo, um teto, um local ermo, uma praia ou até mesmo um edifício podem abrigar uma

instalação, ou melhor dizendo, podem compor uma instalação, agindo desta maneira na própria ressignificação perante ao observador. O lugar não mais é o espaço onde a obra é exposta, mas pelo contrário é a própria obra que define e subjuga o espaço (SILVA, 2012, p.120).

Em concordância com as características referentes às instalações, pode-se dizer que há uma estreita relação com o espaço, visto que este é bastante intrínseco a ela. Se a instalação fosse retirada e alocada em outro contexto espacial, teria um sentido totalmente distinto. Além disso, a instalação trabalha de forma incessante na ressignificação do espaço durante seu período de existência.

Outra característica inerente às instalações é a sua estreita relação com o tempo. As instalações são essencialmente inconstantes, certa obra só faz sentido em certo contexto histórico e temporal, em outro, suas múltiplas críticas e reflexões ficariam com pouco ou nenhum suporte contextual.

O espaço que integra a instalação pode ser um determinante na sua duração, pois uma forte chuva, por exemplo, pode destruir uma instalação a céu aberto, assim a escolha do espaço interfere na existência da obra. Uma instalação também é, na maioria das vezes, “perecível”, em dois sentidos: no primeiro e mais óbvio, como na maior parte das vezes, seus componentes não podem ser removidos ou realocados, eles acabam por se estragar e, de forma gradativa, a obra começa a sofrer com a destruição imposta pela implacável passagem do tempo. Visto isso, as instalações não são eternas, muito pelo contrário, as instalações interagem de forma incessante com o tempo, que na maioria das vezes acaba por vencê-las e/ou modificá-las. “O artista concebe a obra para um espaço determinado e, em muitos casos, para existir por tempo determinado. Não existe a possibilidade de remover a obra e apresentá-la em outro local” (SILVA, 2012, p.188).

A segunda forma de perecimento é a de significância. Uma instalação quase sempre é criada para certa situação que o autor deseja explorar e refletir. Esta característica da arte contemporânea de causar certa reflexão sobre determinado tema em voga, acaba por dar um caráter passageiro às instalações; à medida que os temas deixam de ser discutidos, se tornam obsoletos ou deixam de existir.

A instalação cria um universo próprio, em que interage com o espaço que a cerca, o tempo em que ela se apresenta e o contexto histórico em que está inserida. Assim, poderíamos montar exatamente a mesma instalação, mas se alterássemos apenas um desses fatores teríamos outro universo de significâncias formado por ela, sendo, portanto, cada instalação, única e inconstante. Para Silva (2012, p.13),

a instalação, segundo seus princípios básicos, é uma obra sem limites, ela permite qualquer tipo de suporte em sua produção, já que, mais que um suporte, é uma poética, uma verdade em si, que promove a criação plena de mundos múltiplos, reais em sua própria essência, mesmo que imaginários e/ou virtuais em sua concepção.

As instalações, como terrenos artísticos de ressignificação e reconstrução, encontram um espaço ainda mais fértil nos centros urbanos, onde a arte pode se integrar ao espaço público e alcançar um número ainda maior de observadores e participantes.

1.1.1.1. Instalação Artística: “Se Essa Rua Fosse Minha...”

Como parte da pesquisa, foi criada uma intervenção urbana (Figura 1) através da instalação artística “Se Essa Rua Fosse Minha”³, instalada no centro de Viçosa, com o propósito de analisar como seria a relação dos habitantes da cidade com esse tipo de manifestação artística.

A escolha pelo local ocorreu por acreditar que aquele espaço tinha diariamente um grande fluxo de pessoas, além de ser uma rua que não transitava veículos, somente pedestres.

Figura 1: intervenção urbana “Se Essa Rua Fosse Minha...”



Fonte: Danielle Moraes

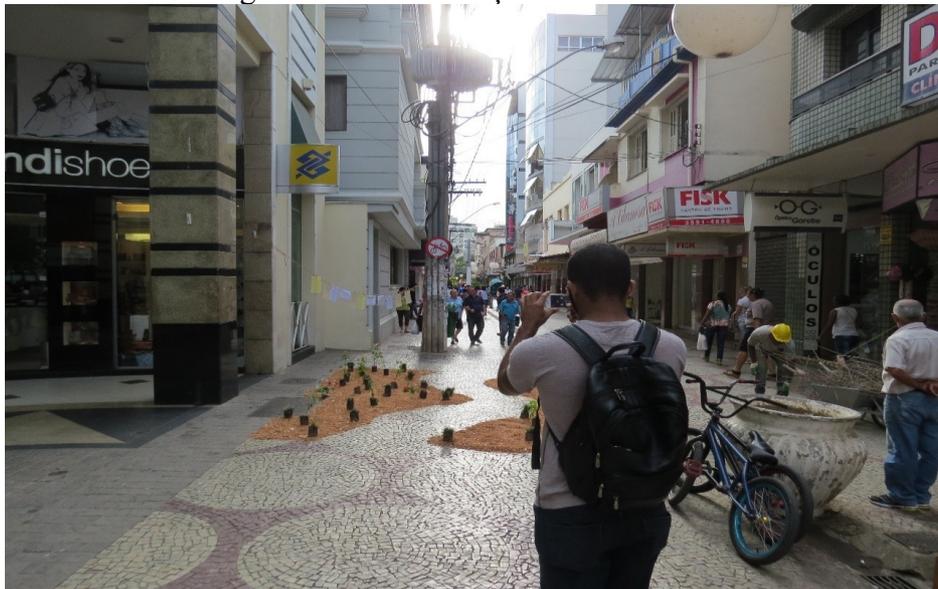
Para montar a instalação foram usadas mudas de plantas e serragem e, nas proximidades, foi instalado um pequeno varal com poesias de autores que falavam sobre a questão ambiental. A instalação buscava imitar a forma de um jardim ou canteiro de flores, desenhado de forma a ter um caminho ao meio, para permitir a interação com a obra, caso o transeunte assim desejasse.

Logo que a instalação foi montada, passou-se a observar como as pessoas reagiriam. Algumas pessoas demonstravam certo espanto, curiosidade; muitos lojistas saíram dos estabelecimentos para verificar o que estava acontecendo. O mesmo ocorreu com moradores dos prédios nas proximidades. Algumas pessoas se assustavam, pois andavam distraídas e quando notavam, já estavam bem próximas à instalação. Essas, na maioria das vezes, evitavam passar por entre o caminho do jardim. Alguns dos transeuntes ficavam curiosos, e vinham nos questionar sobre o que se tratava aquilo e qual era o sentido daquele “jardim” bem no meio do calçadão. Algumas pessoas

³ O nome da instalação foi inspirado na cantiga popular “se essa rua fosse minha”. A criação da instalação acabou se tornando um trabalho conjunto entre esta pesquisa e outra do PIBIC/EM, também orientada pela professora de Arte, Danielle Moraes, que discutia a questão sobre “arte e sustentabilidade”, e desenvolvida pela aluna, na época, da 2ª série do Coluni, Amanda Lopes. Devido a essa junção das pesquisas, o tema da instalação foi a sustentabilidade.

percebiam a obra e se envolviam, lendo as poesias, passando pelo caminho e outras até mesmo fotografavam a instalação (Figura 2).

Figura 2: Transeunte fotografando a intervenção Urbana “Se Essa Rua Fosse Minha...”



Fonte: Danielle Moraes

Houve casos de pessoas que disseram achar a obra linda e outras que simplesmente ignoraram o que estava acontecendo. No final da instalação, doamos as mudas de flores que a compunham para os transeuntes que passavam ali no momento.

Durante a instalação, além de observar o que ocorria, aplicamos um questionário às pessoas que interagiram com o “jardim”, para que pudéssemos analisar se havia alguma relação estabelecida com a obra, o que elas haviam entendido, se a obra as afetou de alguma maneira, etc.

2. ANÁLISE DA PRÁTICA ARTÍSTICA

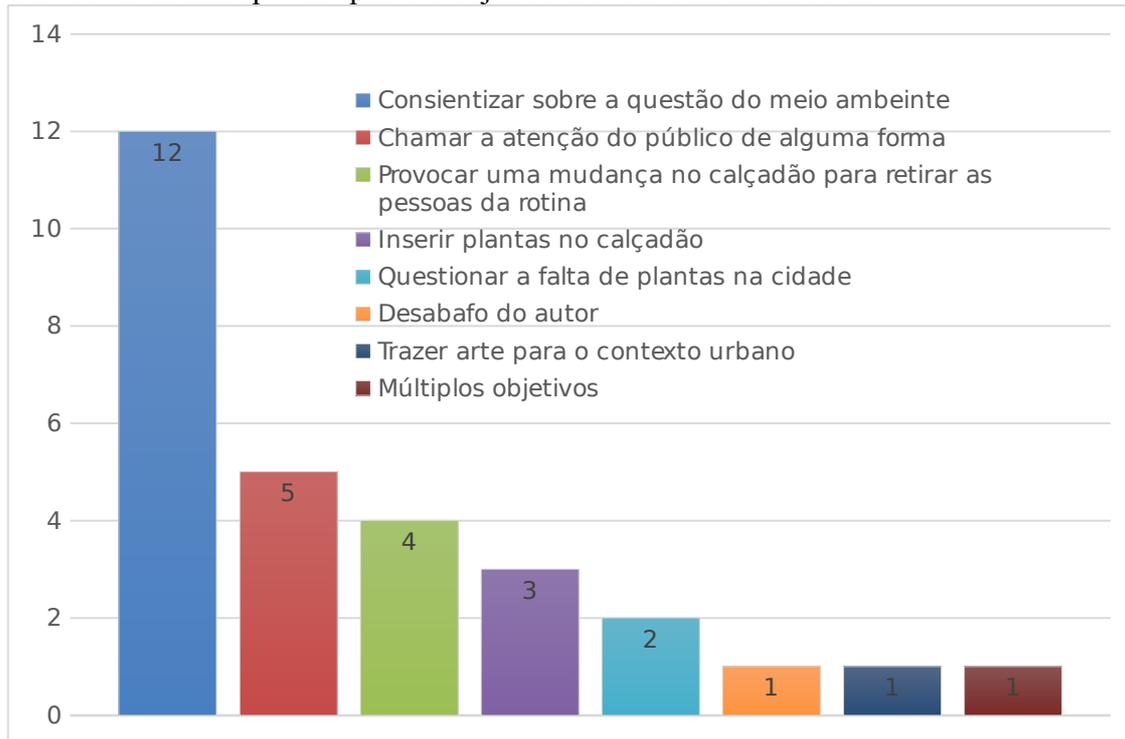
O questionário aplicado continha informações básicas como idade, sexo e profissão. No total das 29 pessoas pesquisadas, houve uma variação de idade entre 11 e 76 anos, sendo 14 homens e 15 mulheres. As questões que compunham o questionário eram: (1) A obra por qual você acabou de passar lhe causou alguma sensação? Se sim, qual? (2) Na sua opinião, qual o objetivo e/ou sentido dessa obra? (3) Na sua opinião, esta obra provocou alguma mudança no espaço em que ela está acontecendo (calçadão)? Se sim, qual?

Por meio da análise das respostas dos questionários, obtivemos três resultados mais relevantes que serão explicitados a seguir.

2.1 A SENSACÃO PROVOCADA PELA INTERVENÇÃO

Das 29 pessoas que responderam ao questionário, 22 disseram que a obra lhe causou alguma sensação (Gráfico 1).

Gráfico 1: Na sua opinião qual é o objetivo e/ou sentido dessa obra?



Fonte: Dados dos autores.

Na análise do gráfico 1, 14% dos questionados responderam que a obra não lhe causou nenhuma sensação, caracterizando uma minoria. 10% responderam de forma pouco objetiva, não sendo possível caracterizar nem como um sim nem como um não para a pergunta. 76% responderam que a obra despertou alguma sensação.

A essa maioria foi feita uma segunda pergunta: “Qual seria essa sensação?”. Pode-se perceber sensações das mais variáveis possíveis. Alguns disseram que a obra lhe causou estranhamento, pois não estavam esperando um jardim bem no meio de um centro comercial como o calçadão, como exemplo podemos destacar duas respostas:

“Estranhamento no primeiro momento, pois há pouco falava sobre baratas e ratos em Viçosa, no segundo momento senti um questionamento, pois como geógrafo o espaço assume uma acumulação desigual de tempos e a cidade reflete tal teoria ou tal viagem, pensar e sentir o espaço traz sensibilidades que um quadrado e uma linguagem dificultam meu expressar” (Geógrafo, 26 anos).

“Sim, me causou espanto ao ver uma paisagem na qual eu não estava acostumada, visto que o local em questão é marcado pelo comércio e pelo consumo” (Estudante, 16 anos).

Alguns transeuntes também responderam que a obra lhe trouxe prazer/felicidade. Como exemplo, podemos destacar a resposta dada por uma estudante de 19 anos:

“A obra me tocou de forma emocionalmente positiva. As flores me lembraram jardim, infância, felicidade, tranquilidade”.

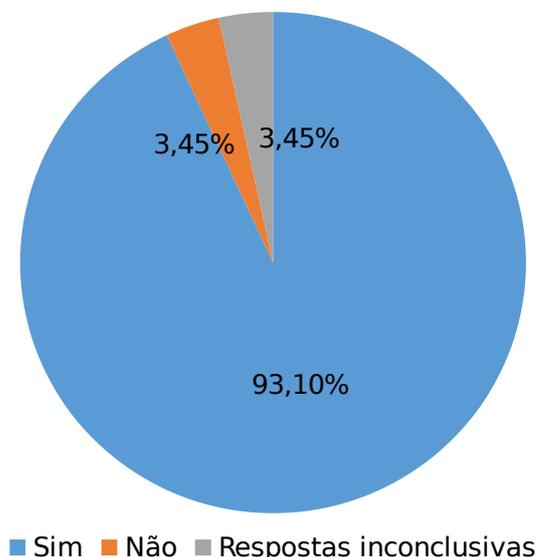
Outros transeuntes responderam também que a instalação lhe despertou curiosidade.

2.2 O ENTENDIMENTO ACERCA DA INTERVENÇÃO

Analisou-se qual o entendimento as pessoas obtiveram a respeito da instalação, a partir da segunda pergunta do questionário: “Na sua opinião qual o objetivo e/ou sentido dessa obra?”

O entendimento do transeunte acerca da intervenção em questão foi pessoal e subjetivo. Cada indivíduo interpretou de uma maneira única e própria qual seria o objetivo da realização daquela intervenção. Por meio da análise das respostas pudemos agrupá-las em certos grupos, tendo em vista a semelhança entre elas.

Gráfico 2. Na sua opinião, esta obra provocou alguma mudança no espaço em que ela está acontecendo (calçadão)?



Fonte: Dados dos autores.

A respeito do gráfico acima, foi possível organizar as respostas em oito grandes grupos. A maioria dos entrevistados respondeu que aquela obra tinha o objetivo de tratar da questão ambiental de alguma maneira.

“O objetivo é levar as pessoas a refletirem a respeito da natureza e da sustentabilidade” (Estudante, 17 anos).

“Na minha opinião, tal obra veio nos lembrar da necessidade de conservação da natureza em espaços públicos, fazendo-nos pensar a respeito do desmatamento da natureza para a construção das cidades” (Estudante, 16 anos).

Outra resposta bastante recorrente foi a que o objetivo da obra seria chamar a atenção do público de alguma forma:

“Muito bonita, de chamara atenção, a natureza. A gente só vê as pessoas correndo pela rua. As pessoas nem passam e param para ver” (Faxineira, 57 anos).

“Essa coisa tem um movimento, não sei se o objetivo foi chamara atenção ou criar esse movimento. Essa composição... essa onda” (Aposentada).

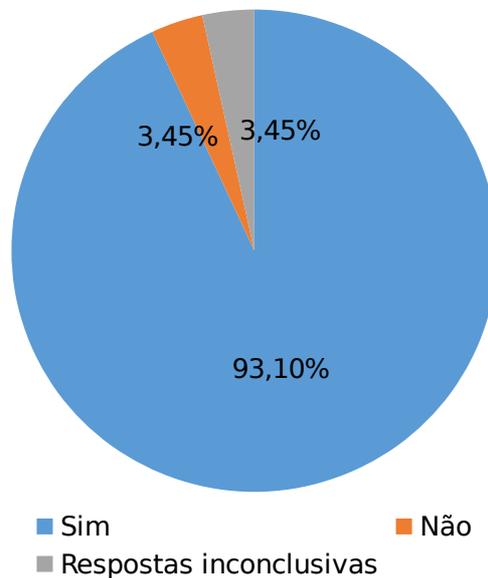
O terceiro grupo que disse que aquela obra tinha o objetivo de provocar uma mudança no calçadão para retirar as pessoas da rotina, como exemplo, temos a resposta dada por uma estudante de 19 anos:

“Fazer com que as pessoas fujam desse estresse diário por alguns minutos, para observar a beleza das flores e dos poemas”.

2.3 A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO

Na análise sobre a percepção da mudança no espaço (Gráfico 3), quando nele ocorre uma intervenção, a grande maioria respondeu que, de alguma forma, aquela obra havia provocado mudança no calçadão.

Gráfico 3. Na sua opinião, esta obra provocou alguma mudança no espaço em que ela está acontecendo (calçadão)?



Fonte: Dados dos autores.

Pode-se observar no gráfico 3, a grande maioria dos transeuntes, 93%, disse que a obra provocou alguma mudança no espaço do calçadão. Uma minoria de 4% disse que a obra não provocou mudança no calçadão, e 3% respondeu de forma que não foi possível caracterizar nem como sim nem como não.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa, pode-se fazer uma série de reflexões a respeito da temática. A primeira delas é que o espaço é um importante elemento na realização de uma intervenção urbana. A forma em que foi criada a instalação, só foi possível por causa do espaço físico escolhido. O espaço compõe a intervenção e, ao mesmo tempo, é ressignificado e transformado por ela. As pessoas sentem que a intervenção provocou, de algum modo, uma mudança no espaço em questão. As intervenções urbanas apropriam-se, mesmo que de forma efêmera, dos espaços cotidianos da cidade, não sendo relegado à posição de suporte.

A segunda reflexão diz respeito aos diversos sentimentos possíveis que uma instalação pode causar nas pessoas que as vivenciam, modificando, que seja, por poucos minutos, a sua vivência e experiência ao passar por aquele local.

A terceira reflexão aponta que o objetivo/sentido da obra criada é subjetivo e dependente daquele que a experimenta, ainda que para o autor da obra tenha um significado primeiro e o objetivo específico da criação. A mesma intervenção gera as mais diversas reações nas pessoas, dependendo da relação que cada um estabelece com ela. A partir do momento em que uma intervenção urbana é montada ou colocada em prática, seu sentido deixa de pertencer exclusivamente a seus autores, passando a pertencer a todos que a experimentam.

Finalmente, é pertinente destacar que a criação de uma intervenção urbana, propicia uma interação de tal forma no espaço em que é alocada, que acaba por criar um espaço totalmente novo, que mescla características tanto da arte quanto do contexto urbano, sendo criado um espaço de transição, mudanças e ressignificação da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Editora Martins. 2005.

FONSECA, Maria da Penha. **Instalações Artísticas e suas contribuições para um Processo Educativo em Arte**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 2007. 165 f.

SILVA, Luciana Bosco. **Instalação: espaço e tempo**. 2011. 240 f. Tese. Doutorado - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

TURNER, Victor. “**Betwixt and between: o período liminar nos ritos de passagem**”. In: Floresta de símbolos. Niterói: EdUFF, 2005. p. 137-158.